

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

preendem a sensibilidade do estranho. A questão está em saber-se até que ponto estes traços identificam uma realidade económica, social e cultural ou em que medida a negam pelo recurso ao pitoresco e ao excepcional. Muito terá de se investigar, neste caso, para se perceber o real alcance de uma fonte aparentemente fácil e rica em informações. Por enquanto, vale a pena ler, não só pelo seu colorido e vivacidade, mas também pela mestria que as autoras revelam, os vários quadros que dão forma a esta composição.

Ana Cristina Bartolomeu d'Araújo

Jean Delumeau, Yves Lequin (Dir.), *Les Malheurs des Temps. Histoire des Fléaux et des Calamités en France*, Paris, Larousse, 1987, 519 pp.

Esta obra colectiva que reúne a colaboração de dez historiadores franceses e de um filósofo é, a vários títulos, digna de referência. Trata-se de uma edição muito cuidada, impressa a duas cores, e largamente ilustrada. Como nos diz Jean Delumeau no prefácio, este livro é, antes de mais, um «*corpus de factos*», isto é, uma descrição das calamidades vividas em França e consequentemente, das reacções que suscitaram.

Na longa duração, o sinistro e o infortúnio inscrevem-se como traços fortes de uma linguagem que fala da natureza, indecifrável, imprevisível e castigadora. Assim, — e porque até ao século XIX «as desgraças dos homens foram principalmente causadas pela natureza», — se exclui o tratamento do infortúnio como produto do agir humano. Este outro lado da questão alargaria, ainda mais, o campo de reflexão do historiador. Pois todas as relações e situações de conflituosidade humana jamais poderão ser entendidas de forma linear e mecânica. Na medida em que sobre elas se precipitam sentimentos e representações tornam-se um manancial importante para melhor se compreender, por exemplo, aspirações e afrontamentos religiosos, processos de formação de heróis e ídolos, ou ainda, *lato sensu*, os despojos invisíveis da guerra e da repressão na memória colectiva. Mas estamos já a falar de temas e preocupações que não pertencem a este livro e que talvez, um dia, venham a constituir motivo de tratamento histórico.

Por enquanto, interessa sublinhar que desde o saque de Roma até aos finais do século XIX, se individualizam, no Ocidente, cinco grandes «períodos dramáticos», para utilizar

a expressão de Jean Delumeau. O primeiro atravessa a Alta Idade Média e culmina nessa história imaginária e grandiosa do Apocalipse do ano mil. Na Idade Média, a literatura de visões premonitórias, que se desenvolve antes e depois das catástrofes, repousa, segundo M. Rouché, numa espiritualidade de «dois degraus», um pessimista, à superfície dos textos, outro optimista ao nível do coração, e onde têm igualmente raízes o profetismo, o messianismo e o misticismo.

Retomando depois a visão expressa por Fernand Braudel — no segundo volume de *Identité de la France*, — de uma longa crise estrutural iniciada por volta do século XIV, a que deu o nome de «processo diabólico», descrevem-se os ciclos da fome, da peste e, secundariamente da guerra, que abalaram a Europa até ao século XVII. É esta «durável impotência perante o destino que explica não somente a permanência e difusão do tema pessimista «a vida é um sonho»; mas também a forte crença nas estrelas que comandam as existências particulares, e enfim a convicção de que Satanás é o «princípio do Mundo». Este é, também, o longo período de incubação de uma verdadeira «cultura de morte», que atinge o seu auge na época barroca. Daí, a importância crescente do ritual e da liturgia no quotidiano, que Erasmo, no século XVI, tão duramente criticou, não se apercebendo, é claro, que neste universo cultural, eles corporizavam um comportamento defensivo e tranquilizador para a população em geral.

Acompanhando o recuo das calamidades do céu e da terra difunde-se, no termo do século XVII, uma nova representação da natureza, já não sobrenatural e mágica mas física e matemática. Trata-se de um lento processo a que se associa também o Estado que trata, educa, controla, castiga e previne. Neste sentido a aliança dos poderes e do saber faz recuar o infortúnio a um ritmo até então desconhecido.

Mais tarde, numa sociedade progressivamente laicizada, o optimismo instala-se nos limites do possível. A imagem do mítico Prometeu, o homem no século XIX, triunfante e só, redescobre o sentido trágico do seu destino. E no limiar do século XXI, a angústia e a irracionalidade dos comportamentos ressurgem, à escala colectiva, ante a incapacidade de esquecer ou ignorar a guerra e a possibilidade de um desastre nuclear, ou os milhões de vítimas da Sida. Eis pois um livro que é antes de mais uma tomada de consciência global e histórica de uma linguagem de medo que se enraíza no presente.

Ana Cristina Bartolomeu d'Araújo